



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

O PERSONAGEM MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO



THE TRICKSTER CHARACTER IN THE SHORT STORY “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, BY LIMA BARRETO

Victória Nantes Marinho ADORNO
Altamir BOTOSO

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 17/06/2019 • APROVADO EM 03/01/2020

Resumo

O personagem malandro na Literatura Brasileira tem uma grande importância, pois sua imagem representa uma crítica a uma sociedade regida por contradições, revelando problemas sociais e desvelando tais contradições em seus atos. O objetivo dessa pesquisa é analisar a representação do personagem malandro no conto “O homem que sabia Javanês”, de Lima Barreto. Nesse conto, o malandro surge como um personagem gracioso, conduzido pelas oportunidades apresentadas e que aproveita as comodidades de seus atos ilícitos, conseguindo enganar grande parte da alta sociedade carioca da época. A narrativa ironiza o modelo de ascensão social, padrão de nobreza e saber por meio de influências culturais de línguas estrangeiras, a necessidade de enganar para ter uma condição de vida melhor e a despreocupação em continuar com o ato da malandragem sem ser descoberto. Como suporte

teórico, utilizaremos os estudos de Candido (1970), DaMatta (1997), Goto (1988), Dealtry (2009), Galvão (1976), Schwarz (1987), dentre outros. Efetuadas as análises, comprovamos que o personagem central do conto é um malandro que, no percurso da narrativa, aproveita as oportunidades que surgem para conquistar prestígio, dinheiro e uma posição destacada dentro da sociedade e pode ser considerado como uma figura que faz parte da galeria de malandros que povoam a literatura brasileira.

Abstract

The trickster in Brazilian literature has a great importance, because his image represents a critic to the Society ruled by contradictions, revealing social problems and exposing such contradictions in his acts. The purpose of this research is to analyse the trickster's representation in the short story "O homem que sabia javanês", by Lima Barreto. In this narrative, the trickster appears as a graceful character, driven by the oportunities presented and that takes advantage of the conveniences of his illicit acts, getting to fool the high Society of Rio de Janeiro. The short story ironizes the model of social ascension, pattern of nobility and knowledge through cultural influences of foreign languages, the need of tricking to have a better life condition and the unconcern to continue with the trickery act without being unveiled. As a theoretical support, we will use the studies by Candido (1970), DaMatta (1997), Goto (1988), Dealtry (2009), Galvão (1976), Schwarz (1987), among others. After the analysis, we found out that the central story character is a trickster who, in the course of narrative, takes advantage of the oportunities that arise to gain prestige, money and a prominent position in Society and can be considered as a figure that is part of the trickster galery that populates Brazilian literature.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Malandro. O homem que sabia javanês. Conto. Lima Barreto. Literatura Brasileira.

KEYWORDS: Trickster. O homem que sabia javanês. Short story. Lima Barreto. Brazilian literature.

Texto integral

Introdução

A figura do malandro plasma-se na literatura brasileira a partir do romance *Memórias de um sargento de milícias*, de Joaquim Manuel de Macedo. Seu protagonista usa a astúcia e a malandragem para sobreviver e obter o que necessita. Além disso, tal personagem tem uma capacidade “quase camaleônica de converter-se nas mais diversas identidades”, emprega “o discurso para tirar vantagens dos mais ingênuos”, tenta “conquistar, pela astúcia, uma melhor posição social” (CUNHA, 2016, p. 128, 130, 136).

O estudioso Gilmar Rocha (2006, p. 114-115) agrega ainda as seguintes características a esse ser mutante, irreverente e ardiloso:

[...] a malandragem consiste num sistema simbólico que apresenta no campo da literatura, da música e das narrativas folclóricas como variantes de um “mito-história”, cujas versões *Memórias de um sargento de milícias*, o *Samba* e o *Mito de Pedro Malasartes*, são soluções parciais de uma contradição que ora se move, num caso, entre a ordem e a desordem, noutro, entre o trabalho e a vadiagem, e, por último, entre o indivíduo e a pessoa. Portanto, as interpretações dos diversos estudos sociológicos da malandragem salientam nas obras literárias, musicais e/ou folclóricas um conjunto de oposições distintivas, ao mesmo tempo estruturais e históricas, que caracterizam a cultura brasileira.

A respeito dessa figura tão emblemática, podemos afirmar que ela “corroborar a consagração do malandro como figura típica do Brasil” (CRISTINO, 2009, p. 49), que é “capaz de envolver todos nós” e “com ele aprendemos [...] duas grandes lições: do seu gingado, o jeitinho, e da sua sedutora altivez, a coragem para seguirmos em frente” (CRISTINO, 2009, p. 50). Trata-se de um personagem sedutor, que tem a capacidade de nos encantar e, apesar de empregar meios pouco ortodoxos para satisfazer seus propósitos, logra construir “belas páginas de vida” (BARRETO, 2012, p. 8), nas quais prevalecem o bom humor, a inteligência e um discurso engenhoso e hábil para atingir suas metas.

O malandro individualiza-se pelo seu modo de falar, por sua habilidade de convencimento, por sua capacidade de mentir e improvisar. Ele raramente tem atitudes solidárias e seu único objetivo é conseguir sobreviver e salvar a própria pele.

O malandro, segundo Antonio Candido (1970), é um indivíduo que vive fora das normas estabelecidas pela sociedade, situando-se entre a ordem e desordem. Trata-se de um anti-herói, que almeja a ascensão social e a riqueza, denunciando problemas sociais existentes na sociedade. Utiliza suas táticas para convencer suas vítimas, não se importa com os meios empregados, e acaba revelando traços da comunidade na qual está inserido, pois os atos de malandragem estão disseminados por toda a sociedade brasileira, atingindo o indivíduo, os grupos, as comunidades, os círculos políticos etc.

Roberto Schwarz (1987) afirma que o malandro se enraizou na sociedade brasileira, apresentando comportamentos e traços dos indivíduos desta comunidade e a literatura capta essa realidade e a recria no plano ficcional.

Nesse artigo, objetivamos analisar o personagem malandro do conto “O homem que sabia javanês”, escrito em abril de 1911, por Lima Barreto (a edição utilizada neste estudo é de 2012). Nossa proposta é identificar o personagem malandro e apontar as suas estratégias de malandragem como elementos que possibilitam incluí-lo na galeria de personagens malandros da literatura brasileira.

A base teórica para o estudo proposto centra-se nos seguintes textos: “Dialética da Malandragem”, de Antonio Candido (1970, p. 67-89), *Carnavais, malandro e heróis*, de Roberto DaMatta (1997), *Malandragem Revisada*, de Roberto Goto (1988), *Que horas são? Ensaio*, de Roberto Schwarz (1987), *No fio da navalha: malandragem e literatura no samba*, de Giovanna Ferreira Dealtry (2009), “No tempo do rei”, de Walnice Nogueira Galvão (1976, p. 22-33), “Navalha não corta seda”: Estética e Performance no Vestuário do Malandro”, de Gilmar Rocha (2005, p. 121-142), dentre outros.

O artigo está dividido em quatro tópicos. No primeiro, trazemos, panoramicamente, aspectos importantes sobre a vida e obras de Lima Barreto; no segundo tópico, apresentamos a fundamentação teórica que abarca estudos relevantes sobre o malandro; a terceira subdivisão aborda de forma breve o conto “O homem que sabia javanês” e o quarto tópico contempla a análise do conto, seguida de nossas considerações finais.

1 A vida e as obras de Lima Barreto

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 1881 no Rio de Janeiro, foi um escritor que transcendeu seu período, pois enxergou a arte na sociedade, relatando sua vida e conflitos sociais por meio de suas obras. Filho de João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Pereira de Carvalho, o pai era tipógrafo e a mãe professora do primário, ambos mulatos e pobres; tiveram cinco filhos, o primeiro morreu ainda recém-nascido. Lima Barreto era o mais velho entre os irmãos Carlos, Evangelina e Eliézer. Amélia, após o nascimento de seu primeiro filho, ficou doente e com o passar dos anos sua saúde foi piorando; em razão de seus problemas respiratórios, a família mudou-se para diversas regiões do Rio de Janeiro. Segundo Barbosa (2003), em 1887, o escritor com sete anos de idade ficou órfão de mãe, que morreu vítima de uma tuberculose galopante aos trinta e cinco anos de idade.

Após a morte de sua mãe, o escritor teve seu primeiro desejo pela morte, pois foi injustamente acusado de roubo: “Desde menino, eu tenho a mania de suicídio. Aos sete anos, logo após a morte da minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive a vontade de me matar” (BARRETO, 1961, p. 135). A partir desse fato, o escritor percebe as injustiças da vida, tendo sentimentos de abandono, enxergando a vida como injusta e violenta; o que irá refletir-se em suas obras.

Lima Barreto escreveu juntamente com Bastos Tigre as revistas *A Quinzena* e *O Diabo*, e ambas tiveram poucas edições; colaborou nas revistas *A Avenida* e *O Pau* de Domingos Ribeiro Fialho; trabalhou na secretaria da revista *Época*, mas por pouco tempo. Ingressou nas reportagens para o jornal *Correio da Manhã*, sendo suas matérias consideradas memoráveis e de grandes repercussões, perfazendo o total de vinte e duas reportagens.

O autor carioca mencionou os escritores pelo quais tinha grande admiração e que influenciaram na sua produção ficcional:

Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali O Crime e Castigo, de Dostoiévski, um volume dos contos de Voltaire, o Guerra e Paz, de Tolstói, o Rouge et le noir, de Stendhal, a Cousine Bette, de Balzac, a Education sentimentale, de Flaubert, o Antéchrist, de Rena, o Eça; na estante, sob as minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores da literatura propriamente ou não. (BARRETO, 2018a, p. 76, v. 1)

Barbosa (2003, p. 159) afirma que Barreto expressou sua admiração pelos grandes autores: “No *Isaiás Caminha*, por exemplo, confessa que procurara, nos grandes autores, modelos e normas e, mais que isso, o “segredo de fazer” romance”. Desse modo, todos os escritores citados anteriormente inspiraram e o ensinaram em sua escrita, apesar do fato de após a publicação de seu primeiro livro, ele ser duramente criticado. Os críticos insinuaram que ele que não sabia escrever.

As críticas a seu primeiro livro *Recordações do escrivão Isaiás Caminha* deveram-se ao fato de essa obra conter diversas imperfeições. O primeiro crítico a emitir uma nota, publicada no folhetim *A Notícia*, foi Medeiros e Albuquerque (apud BARBOSA, 2003, p. 196), que principia elogiando o livro: “Começa pelo fim, aparece como um escritor feito”, mas lamenta as referências pessoais contidas na história, afirmando que o autor não tinha coragem para fazer uma crítica direta, usando personagens para transmitir suas desavenças. Segundo Barbosa (2003), Alcides Maia também aponta em uma crítica, que o defeito do livro foi deixar evidente a vida pessoal do escritor, demonstrando que a intenção da história seria vingança. Outro crítico que também comentou a respeito desse fato na obra referida foi José Verissimo, o qual afirmou que a obra apresentava uma série de defeitos:

Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real. (VERÍSSIMO, 1910 apud BARBOSA, 2003, p. 199).

Os três críticos insistiram duramente sobre o fato de que Lima Barreto havia utilizado dados de sua vida, de pessoas com quem convivia, enfim, elementos de sua própria realidade, para retratar e se transformar no enredo de sua obra.

O alcoolismo começou quando seu pai João Henriques teve um ataque psíquico, deixando a responsabilidade de cuidar da família para Afonso. O desejo pelo álcool foi iniciado pela necessidade de consolo, como uma fuga de sua atual realidade e do medo que sentia:

Muitas causas influíram para que eu viesse a beber; mas, de todas elas, foi o sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte do meu pai e eu sem dinheiro para enterra-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arransassem colocação condigna com minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o chopp, o whisky, as noitadas amanhecendo na casa deste ou daquele. (BARRETO, 2018b, p. 681-682, v.2).

A rotina da bebida trouxe-lhe aos trinta anos uma saúde fragilizada, passando o dia sem comer, andando por diversos bares e aos poucos se desfazendo da aparência saudável. As doenças como maleita, reumatismo poliarticular e hipercinese cardíaca acometeram o escritor que, por vários meses, ficou afastado da Secretaria da Guerra, onde trabalhava. Barreto tinha a necessidade de beber sozinho, muitas vezes se machucando ao cair nas ruas do Rio de Janeiro. Sua primeira internação no hospício transcorreu do dia 18 de agosto até 13 de outubro de 1914. Devido a alucinações alcoólicas, foi novamente internado no final de 1919, pelos mesmos motivos.

Zélia Freire (2005, p. 95) afirma que, “[p]elo posicionamento crítico do escritor e por estar, na maior parte das vezes, contrário às ideias dominantes, Lima assume o papel quase único de reivindicar mudanças”. O escritor tem um estilo simples, objetivo, revolucionário e de certo modo direto; percebe as necessidades, valores e problemas das diferentes classes sociais, fazendo uma análise crítica das aparências que a sociedade tentar impor como padrão. A composição de estilo e a norma gramatical pouco importavam para o autor, pois sua intenção era retratar de forma simples a vida que ele observava ao seu redor. Dessa forma, ele sempre está à frente dos acontecimentos, refletindo em suas obras sobre a realidade de sua vida e da sociedade, sendo incompreendido em seu tempo.

A morte para o autor sempre esteve presente e foi um desejo iniciado pelas tentativas falhas de suicídio em sua infância, sendo agravada por seus delírios e internações no hospício. Lima Barreto refere-se à morte nos seguintes termos:

Gosto da Morte porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da morte porque ela nos sagra. [...] A vida não pode ser uma dor, uma humilhação, de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. Quando porém não se pode conseguir isto, a Morte é que deve vir ao nosso socorro (BARRETO, 1953 apud BARBOSA, 2003, p. 315).

Afonso Henriques de Lima Barreto faleceu vítima de um colapso cardíaco, no dia 1 de novembro de 1922, realizando seu desejo de abraçar a morte, conforme

ele próprio declarou: “[p]ara se compreender bem um homem não se procure saber como oficialmente viveu. É saber como ele morreu; como ele teve o doce prazer de abraçar a Morte e como Ela o abraçou” (BARRETO, 2018a, p. 612, v. 1). Nota-se o seu forte sentimento em relação à morte, uma vez que em todos seus textos, esse vocábulo aparece grafado em letra maiúscula.

Ele escreveu textos humorísticos, contos, sátiras, crônicas e memórias. Em relação aos romances, os títulos que Lima Barreto concebeu foram: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e a Ninfa* (1915), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) e *Clara dos Anjos* (1948). Seus textos humorísticos foram resumidos e publicados com o título de *Aventuras do Dr. Bogoloff* (1912). Os contos compõem o volume *História e sonhos* (1920) e como sátira, há o livro *Os Bruzundangas* (1922). As crônicas encontram organizadas nos seguintes títulos: *Bagatelas* (1923), *Feiras e mafuás* (1953) e *Marginália* (1953). E como texto memorialístico, *Diário Íntimo* (1953).

2 Aportes teóricos sobre o malandro

Um dos estudos mais relevantes a respeito do personagem malandro é “Dialética da malandragem”, de autoria do crítico Antonio Candido (1970). O referido estudioso caracteriza o malandro como o indivíduo que vive fora das normas estabelecidas, utilizando seu talento para não trabalhar, desse modo tentando conseguir a ascensão social de forma facilitada.

Outro estudioso que se dedicou à pesquisa da malandragem brasileira foi Roberto da Matta. Para ele, o malandro é um personagem deslocado, que “não cabe nem dentro da ordem nem fora dela: vive nos seus interstícios, entre a ordem e a desordem, utilizando ambas e nutrindo-se tanto dos que estão fora quanto dos que estão dentro do mundo quadrado da estrutura (DAMATTA, 1997, p. 172).

O antropólogo DaMatta assinala que o malandro vive entre a ordem e a desordem, não tem um lugar determinado na sociedade, pois ele transita de um polo a outro, sem se fixar em nenhum deles, corroborando o posicionamento de Candido (1970), que aponta a itinerância e o trânsito entre a ordem e a desordem como elementos fundamentais de sua caracterização.

Segundo Roberto DaMatta (1997, p. 257), o “herói deve sempre ser um pouco trágico para ser interessante, com sua vida sendo definida por meio de uma trajetória tortuosa, cheia de peripécias e desmascaramentos”. Desse modo, o personagem malandro na literatura brasileira resulta em um “anti-herói” que representa uma sociedade problemática e com princípios não fundamentados. O malandro, por suas atitudes anti-heroicas, não segue padrões estipulados pela sociedade, passa momentos conturbados, almeja viver na riqueza, não gosta do trabalho formal, lança-se a buscar novos desafios e sempre dá um “jeitinho” para se safar de situações conflituosas. O anti-herói malandro é definido como um ser marginal, que narra suas próprias aventuras, busca a ascensão social e denuncia os problemas sociais existentes.

A vida desse anti-herói apresenta lances dramáticos, pois não possui elo familiar e nem sentimento de pertencimento ao um grupo social, dessa maneira não tem lugar fixo, pois gosta de liberdade, tendo a necessidade de transitar entre os diversos locais, buscando sempre novos desafios, fugindo da rotina imposta pelo vincular familiar e a estabilidade financeira. O malandro utiliza a inteligência para criar e modificar suas táticas, pois tem a necessidade de sobreviver, mas por não se identificar com o trabalho formal, procura resolver seus problemas de subsistência dando pequenos golpes e tenta enganar os incautos que cruzam o seu caminho. Seus golpes possuem duplo objetivo, a sobrevivência e a ascensão social. DaMatta (1997, p. 259) reafirma a ideia de o malandro empregar sua força e inteligência para sobreviver num mundo desumano, em que vigoram as leis do mais forte e do mais esperto. Assim, ele encontra-se “em plena existência num universo cruel e hostil, contando somente com suas forças e tendo como motor sua esperança de chegar ao porto seguro das camadas mais altas de sua sociedade”.

O referido estudioso continua suas afirmações dizendo que os malandros são marcados pelo destino, sendo estes predestinados a uma vida marginalizada, oriundos de famílias humildes, nas quais desde pequenos sonhavam com a melhoria de vida, encontrando somente o mundo da malandragem para subir de padrão social. Dessa forma, em relação ao malandro e sua genealogia familiar, “temos gente marcada pelo destino. Gente mal nascida e pobre que terminará seus dias gozando da felicidade de ter superado todas as provas e todas as barreiras” (DAMATTA, 1997, p. 259).

O malandro tem como características principais: carisma, sensualidade, vestimenta apurada, boa lábia, astúcia, necessidade de ascensão social, safadeza, inteligência, quebra de padrões, busca por novos desafios e preguiça. No caso da ascensão social, o sujeito malandro não gosta de trabalhar, pois sempre consegue estar dentro da alta sociedade por meio do “jeitinho”; utilizando-se da safadeza e da inteligência para tirar vantagens para proveito próprio.

A astúcia do personagem consiste em levar vantagem em tudo, realizando golpes sobre os diversos grupos, dessa forma transita entre a ordem e desordem, sem que as pessoas percebam de imediato seus atos, utilizando a sedução como forma de enganar suas vítimas. Segundo DaMatta (1997), a figura do malandro se torna símbolo nacional, pois na sociedade, o engano transita em todos os grupos sociais, ultrapassa diversas gerações, sendo característica da cultura brasileira.

Outros dois atributos do malandro, boa lábia e carisma, são necessários para cativar e convencer a todos. Sua inteligência permite com facilidade planejar “golpes” em benefício de si próprio e, na grande maioria das vezes, ao conseguir seus objetivos, aproveita ao máximo e logo muda o foco, buscando novos desafios. A preguiça faz com que não queira e nem deseje trabalhar, pois sempre prefere soluções que não o prendam ao trabalho assalariado e massificante, que o fixariam em um local preciso e cuja monotonia ele abomina. Ainda que possa exercer trabalhos temporários em empresas ou realizar pequenas tarefas em bares, restaurantes, lojas, o malandro procura sempre garantir a sua liberdade e ganhar a rua, espaço onde pode enganar, trapacear no jogo e sobreviver de expedientes ilícitos.

O “jeitinho” significa fazer pouco esforço para conseguir algo. Por isso, ele usa a safadeza, o engano e a trapaça como ação para seus atos. O jeitinho do malandro pode ser considerado como uma das facetas da malandragem que, segundo Roberto Goto (1988, p. 11), sintetiza certos atributos do brasileiro:

No imaginário da sociedade nacional, [a malandragem] costuma sintetizar certos atributos considerados específicos ou identificadores do brasileiro: hospitalidade e malícia, a ginga, a finta, o drible, a manha e o jogo de cintura, muito apreciado no futebol e na política, a agilidade e a esperteza no escapar de situações constrangedoras ligadas ao trabalho e à repressão, o ‘jeitinho’ que pacifica contendas, abrevia a solução de problemas, fura filas, supre ou agrava a falta de exercício de uma cidadania efetiva.

O malandro tem o objetivo de sempre se dar bem, não importa o meio que use para conseguir isso. Esse talento não falta ao anti-herói da ficção brasileira e, de certo modo, é o que acaba lhe garantindo sua liberdade, pois ele, frequentemente, envolve-se em situações nas quais necessita usar a sua inteligência para não sofrer punições ou acabar na prisão.

Segundo Giovanna Dealtry (2009, p. 46), “A palavra malandra se transforma em chantagem, engano, logro, convencimento, sedução, ameaça, esperteza, em suma, estratégias de negociação que se constroem na aproximação com o outro e por isso não podem ser fixas nem decodificadas”. Ela afirma que as palavras malandragem, malandro(a) expressam o sentido de engano, chantagem e ameaça, apresentam um indivíduo que utiliza a sedução, esperteza para convencimento. Desse modo, tem-se uma ampliação do discurso do malandro, que pode ser analisado pela perspectiva da forma como aborda suas vítimas, o modo como emprega suas táticas de convencimento, sua vestimenta e o vocabulário que utiliza.

O malandro histórico transferiu-se das ruas para a ficção, apresentando os mesmos traços do estereótipo do brasileiro, conforme postula a pesquisadora Walnice Nogueira Galvão (1976, p. 32):

Na ficção e na ensaística, particularmente do século XX, será constante a atribuição dessas características ao brasileiro: vagabundagem, preguiça, sensualidade, indisciplina, vivacidade de espírito - nossa modalidade de “inteligência” - e sobretudo simpatia.

Esses traços são recorrentes nas ficções que têm protagonistas malandros, tais como *Memórias de um gigolô*, de Marcos Rey (1968), *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino (1979), *Meu tio Atahualpa*, de Paulo de Carvalho Neto (1985), *Pornopopéia*, de Reinaldo Moraes (2009), dentre outros.

A imagem do malandro propiciou estudos em diversas áreas, entre elas a da literatura e sociologia. Para Roberto DaMatta, o malandro é um ser deslocado, não valoriza o trabalho cotidiano e massificante e individualiza-se pelo vestuário, pela maneira de usar a fala e no seu modo de locomoção: “O malandro é um ser deslocado das regras formais, fatalmente excluído do mercado de trabalho, aliás definido por nós como totalmente avesso ao trabalho e individualizado pelo modo de andar, falar e vestir-se” (DAMATTA,1990, p. 216).

O jeito de andar e o vestuário do malandro são vistos como um processo de construção de sua identidade nacional, pois a forma de vestir e a expressão corporal demonstram um personagem que possui boa lúbia e esperteza. Dessa maneira, ele utiliza a boa aparência e o seu poder de convencimento para aplicar golpes. O malandro típico, que se cristalizou na realidade brasileira a partir da década de 1920, apresenta uma série de características que o individualizam:

Malandro de antigamente, malandro autêntico, era bom, até certo ponto, honesto. Tinha dignidade, era consciente do seu valor, da sua profissão. Vivia sempre limpo, usava camiseta de seda-palha com botões de brilhantes, gravata de ‘tussot’, branca, sapato tipo ‘carrapeta’ (salto mexicano, relançado ultimamente). Na cabeça, chapéu do Chile, de conto-do-réis. Os dedos cheios de anéis, a carteira estufada de cédula de cem. (GASPARINO, 1978 apud ROCHA, 2005, p. 125)

A vestimenta do malandro é caracterizada pela calça ou terno de linho branco, sapatos de carrapeta, camiseta de seda com botões brilhantes, chapéu e gravata. O malandro que busca a ascensão social e aplica golpes na alta sociedade, frequenta bares, cafés e botequins. A elegância do malandro sugere um indivíduo com intelecto elevado, que poderia ter nascido e se criado na alta sociedade, mas isso não é verdadeiro, pois conforme já assinalamos, ele geralmente provém das classes pobres e quer se firmar no meio da alta sociedade, onde estão aqueles que detêm o poder e o dinheiro.

Roberto Schwarz (1987) caracteriza o malandro como personagem vindo do folclore, ligado à figura de Pedro Malasartes, um típico malandro que consegue levar vantagem em todas as situações. De certa forma, isso acaba sendo incorporado ao comportamento dos indivíduos da sociedade brasileira, que termina difundindo a crença de que o mundo é dos espertos, daqueles que conseguem tirar vantagens dos demais.

Ainda em relação a esses aspectos, Schwarz afirma que o malandro é um ser nacional que se enraizou na cultura brasileira. Esse crítico menciona a questão da ordem e da desordem, que caracterizam o universo do malandro, uma vez que resume “a regra de vida de um setor capital da sociedade brasileira: o dos homens livres que, não sendo escravos nem senhores, viviam num espaço social intermediário e anômico, em que não era possível prescindir da ordem nem viver dentro dela” (SCHWARZ, 1987, p. 138).

Segundo Rocha (2006, p. 42), os malandros “sabem tirar vantagem de tudo e de todos, sobretudo se forem pessoas comuns, incapazes de se defender”. O personagem malandro utiliza suas artimanhas e inteligência para aplicar golpes, nos diversos grupos sociais, tendo como principal alvo qualquer ser incauto e crédulo com quem venha a estabelecer contato. O malandro usa como estratégias os pontos fracos de suas vítimas, como os sonhos, o desejo por conhecimento estrangeiro, a vontade de participar em eventos da alta sociedade, a ambição em ganhar dinheiro fácil.

Os golpes são direcionados, em muitos casos, para pessoas simples, pois elas não possuem voz ativa na comunidade social para reclamar ou reverter as ações realizadas. Porém ocorre também nos grupos sociais elevados, porque as pessoas com poder aquisitivo alto acreditam que nunca cairiam nas táticas do malandro, pois tem maior conhecimento, acreditam ser nulas as possibilidades de serem ludibriadas. Desse modo o malandro manipula a sabedoria da elite para executar seus planos, conseguindo enganar pessoas de extratos sociais altos ou baixos.

Existem duas classes de malandros, segundo Misse (1999). O primeiro seria aquele criado no morro, que busca dinheiro de modo facilitado, seduz diversas mulheres, causa confusões desnecessárias; seus conhecimentos e talentos foram desenvolvidos para enganar os moradores da favela, porém não são aplicados nos chefes do crime. O segundo seriam os malandros criados na cidade, os quais desenvolveram suas habilidades para serem praticadas nos centros urbanos, tendo como foco principal as classes médias e altas da sociedade, têm por hábito frequentar eventos sociais e culturais, café e bares, ou seja, locais em que haja pessoas bem-sucedidas.

A maioria das obras que possuem protagonistas malandros são narradas em primeira pessoa, e por meio desse foco narrativo, contam as suas aventuras, demonstram a malandragem existente por trás dos seus atos, numa espécie de confissão bem-humorada da sua vida pregressa. Assim sendo, o malandro visa sempre à ascensão na sociedade, todos seus atos são planejados e executados, com o objetivo de sustentar-se sem depender do trabalho e permanecendo ao lado daqueles que têm o poder e o dinheiro e pretendem conseguir viver tranquilamente sem sobressaltos.

Roberto Goto (1988, p. 102) enfatiza que nas mãos desse tipo de anti-herói, “trapaças e mentiras tornam-se virtudes, pois servem à boa causa, ao passo que pureza e inocência podem se revelar defeitos fatais; seus atos, de qualquer forma, o enobrecem e permitem pensar num personagem que paira igualmente acima do bem e do mal”. Esse estudioso considera que as trapaças e mentiras são qualidades do malandro, que acabam por denunciar problemas sociais e culturais existentes, e também são utilizadas como forma de sobrevivência e ascensão de padrão econômico.

Os discursos do malandro juntamente com sua postura se tornam uma das principais marcas do personagem, pois sua fala seduz a ingênua vítima, sua postura corporal e vestimenta transmitem a ideia de uma pessoa culta, proveniente dos grupos ricos da sociedade. Sobre esse fato, é válido ressaltar que

Os estudos sobre o malandro e a malandragem no Brasil encontram na linguagem mais do que um modelo de inspiração, na verdade é o que lhes garante o sentido sociológico. Comumente, o malandro é visto como alguém cuja esperteza se concretiza na lábia sedutora e na capacidade de aplicar contos aos otários ou, então, alguém que tem no samba um modo de discurso social. Ele é o porta-voz de setores populares ou da classe média brasileira. Isto para não falar da malandragem como metáfora política (linguagem da fresta) em tempos de ditadura militar. [...]. A fala do malandro, mais do que um discurso sobre a realidade, expressa uma ação simbólica por meio da qual esta realidade é significada. (ROCHA, 2005, p. 122-123, grifos do autor)

O malandro, apesar de seus atos da malandragem, expõe os problemas, as fraquezas, os preconceitos, a cultura e o caráter de toda a sociedade. A malandragem e o malandro são, em última instância, o resultado de questões perenes da sociedade brasileira tais como: a falta de trabalho, enriquecimento ilícito, políticos corruptos, o desejo desenfreado pelo luxo e pela posse de bens materiais, a valorização da cultura e de tudo o que é estrangeiro, o individualismo, o caráter pessoal e a transmissão de valores deturpados de uma geração para outra.

Nesse sentido, o malandro torna-se porta-voz dos problemas sociais apresentados, evidenciando um modo de agir e de se comportar que é marcado pelo individualismo, pela busca de satisfação dos próprios desejos e por mover-se em sociedade com o intuito de tirar vantagem e aproveitar qualquer situação que vislumbre que possa lhe trazer algum benefício, como é o caso do personagem central do conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto.

3 O malandro e suas artimanhas

O conto “O homem que sabia Javanês” foi escrito na primeira década do século XX. Segundo informações de Francisco Barbosa (2003), Lima Barreto escreveu essa sátira dirigida a Afrânio Peixoto, pois o autor não compreendia o seu sucesso e duvidava do seu conhecimento. A esse respeito, Barbosa (2003, p. 221-222) faz a seguinte colocação:

Um de seus melhores contos, “O homem que sabia Javanês”, história de um mistificador que se torna, por isso mesmo, a glória nacional. Castelo, o professor de javanês, era de Canavieiras, e construía toda sua reputação como especialista em Língua malaio-polinésia, as quais conhecia apenas da leitura da Grande Encyclopédie. A sátira parece dirigida a Afrânio Peixoto, a quem Lima Barreto sempre considerou um falso erudito e um péssimo escritor. No entanto, Afrânio tinha prestígio. E ele, não. Afrânio

subia. E ele não podia subir, porque não o deixavam subir.
(BARBOSA, 2003, p. 221-222)

O conto é narrado em primeira pessoa. O protagonista se apresenta como Castelo, o malandro da narrativa. A história inicia-se com Castelo contando para seu amigo, Castro, o modo como conseguiu virar Cônsul em Havana. Ambos estavam em uma confeitaria. Sua trajetória de ascensão social começou com a descoberta de um anúncio de jornal, no qual o Barão de Jacuecanga procurava um professor de Javanês.

O personagem principal havia chegando recentemente ao Rio de Janeiro, passando por necessidades financeiras, fugindo diversas vezes do dono da pensão, onde estava hospedado. Ao olhar o jornal, encontrou o anúncio, ficou interessado, pois acreditou não haver muitos concorrentes. Ao sair do Café em direção à Biblioteca Nacional, ficou imaginado como seria a vida de professor de Javanês, os benefícios e luxos que essa função traria. Em suas pesquisas na *Grande Encyclopédie*, descobriu que a origem da língua javanesa, a localização geográfica do país de origem, a grafia da escrita e a significado de cada palavra.

Castelo copiou o alfabeto e algumas palavras, como não sabia a forma correta de pronúncia, inventava o fonema de cada uma delas. Após o dia de estudo, voltava para a pensão, de modo que o dono não o visse, para não ser cobrado pelo aluguel. Satisfeito com o conhecimento adquirido em seus estudos, enviou uma carta respondendo o anúncio. Enquanto aguardava o retorno da carta, continuou estudando o Javanês, convencendo-se que esta era a língua mais fácil do mundo. Para chegar à casa do Barão de Jacuecanga, enfrentou dificuldade em conseguir quatrocentos réis para a viagem. Em sua primeira visita à residência, ficou incomodado com a aparência do casarão, pois estava mal cuidado, sem pintura recente e o jardim com mato alto. O malandro ao se apresentar para o Barão, expõe todo seu nível intelectual, conquistado em poucos dias de estudos.

Castelo, ao adentrar na residência, analisou os móveis, os quadros, porcelanatos, a forma como eram dispostos pela casa. Esperou um longo tempo para conhecer o dono dela, e quando isso aconteceu, este interrogou sobre a origem do malandro, a maneira como ele aprendeu javanês. Castelo não esperava ser questionado sobre o modo como aprendeu essa língua, tratou logo de inventar que fora com seu pai, que era javanês. O Barão prestou atenção em toda fala do malandro, acreditando em sua mentira.

O ingênuo senhor ficou admirado com o jovem Castelo, combinou as aulas, contando-lhe o real motivo de querer aprender javanês naquela idade. Ele tinha o interesse em compreender essa língua, por conta de seu falecido avô, que havia deixado para seu pai um livro escrito em javanês e que fora acertado o compromisso de ele fazer a tradução da obra. O pai do Barão não cumpriu a promessa, deixando para seu filho a obrigação de realizar a tarefa. Como a família estava passando por complicações financeiras, o ingênuo senhor acreditava que seria pelo fato de não ter realizado a tradução que fora prometida.

O malandro Castelo foi apresentado para toda família do Barão. Ambos combinaram a forma de pagamento e os dias das aulas. Ao iniciar sua primeira aula, o protagonista percebeu que o Barão teria grandes dificuldades de aprendizagem, sendo demorado esse processo. Levou em torno de um mês para o Barão aprender o alfabeto Javanês, mas não compreendendo muito bem, desistira após dois meses de aula. E acabou pedindo para Castelo realizar a tradução de trechos do livro. Enquanto Castelo lia alguns trechos, o inocente Barão olhava para ele, como se fosse um anjo. Este enchia o malandro de presentes e fez com que ele morasse no casarão.

Com o passar do tempo, o malandro foi perdendo o remorso, pois de certa forma ajudara o Barão de Jacuecanga a realizar sua promessa. O seu maior medo foi quando este enviou uma carta ao Visconde de Caruru informando sobre o jovem que sabia javanês, para que Castelo se tornasse um diplomata. O Visconde mandou Castelo com várias recomendações à secretaria dos estrangeiros. Ele se apresentou ao ministro, este lhe perguntou como havia aprendido javanês e Castelo repetiu a mesma história que contara ao Barão.

O ministro não concordou que o malandro fosse diplomata, pois seu porte físico não apresentava a aparência necessária. Porém, indicou-o para ser cônsul. Castelo conseguiu emprego na secretaria dos estrangeiros, representou o Brasil no Congresso de Linguística em Bâle e publicou alguns artigos sobre a língua Javanesa. Após seis meses de sua volta do congresso em Bâle, foi designado Cônsul em Havana, permanecendo por lá seis anos e, no final de suas férias, regressaria. Durante esse período, progrediu em relação aos seus estudos das línguas Malaia, Melanésia e Polinésia. O único momento em que correu o risco de ser descoberto em seu disfarce foi durante a reunião de apresentação ao ministro, quando um amanuense questionou seu saber.

Os atos de malandragem de Castelo podem ser considerados como uma crítica à sociedade na qual está inserido, pois o conto ironiza o modelo de ascensão cultural, a valorização da cultura europeia, o saber por meio de conhecimento de línguas estrangeiras, a influência dos grandes centros europeus na vida do povo brasileiro, além de premiar a malandragem do protagonista, que não é desmascarado e ainda termina premiado com o cargo de cônsul.

No próximo tópico, analisamos alguns aspectos que confirmam que o personagem Castelo é um malandro, o qual insere-se numa linhagem de personagens que se firmaram na ficção brasileira no século XX.

4 O malandro Castelo: esperteza e sobrevivência

O malandro, na literatura brasileira, representa um anti-herói, que narra suas aventuras em busca de riqueza e ascensão social e, mesmo não sendo a sua intenção, acaba denunciando os problemas sociais que sempre fizeram parte da nossa sociedade estratificada, na qual ricos e pobres, abastados e marginalizados sempre se antagonizaram.

No conto “O homem que sabia javanês”, o seu protagonista narra em primeira pessoa as suas aventuras. Ele acumula as funções de narrador e de personagem no relato:

Em uma confeitaria, certa vez, ao meu amigo Castro, contava eu as partidas que havia pregado às convicções e às respeitabilidades para poder viver.

Houve mesmo, uma dada ocasião, quando estive em Manaus, em que fui obrigado a esconder a minha qualidade de bacharel, para mais confiança obter dos clientes, que afluíam ao meu escritório de feiticeiro e adivinho. Contava eu isso.

[...]

– Cansa-se; mas não é disso que me admira. O que me admira é que tenhas corrido tantas aventuras aqui, neste Brasil imbecil e burocrático.

– Qual! Aqui mesmo, meu caro Castro, se podem arranjar belas páginas de vida. Imagina tu que eu já fui professor de javanês? (BARRETO, 2012, p. 8)

Nessa passagem, identificamos uma crítica referente à sociedade da época, a qual Castelo considera como burocrática e imbecil. Ele inicia sua narração contando ao amigo Castro a mais importante aventura de sua vida, a de como conseguiu tornar-se cônsul. Ele é um “malandro por experiência, consciente dos danos que causa a ponto de contá-los a terceiros, caçoando do ocorrido” (ARBOLEYA, 2017, p. 238).

Castelo vive entre a ordem e a desordem, não possui um lugar fixo, ele transita entre diversas localidades, não tendo um lugar determinado, utilizando seu talento para conquistar a ascensão social de maneira facilitada, reafirmando o posicionamento de Antonio Candido (1970), ao caracterizar o personagem malandro como um ser das margens, que sabe aproveitar as oportunidades que encontra.

Uma das qualidades das personagens malandras é reverter situações desfavoráveis e conseguir êxito, embora para grande parte dos malandros da novelística brasileira, tal êxito é sempre momentâneo, as posições conquistadas e as vantagens obtidas nunca são sólidas e ele precisa estar sempre atento para novas oportunidades e situações que lhe permitam obter o sustento e garanta a sua sobrevivência:

– Eu tinha chegado havia pouco ao Rio e estava literalmente na miséria. Vivia fugido de casa de pensão em casa de pensão, sem saber onde e como ganhar dinheiro, quando li no Jornal do Comércio o anúncio seguinte:

“Precisa-se de um professor de língua javanesa. Cartas etc.” Ora, disse cá comigo, está ali uma colocação que não terá muitos concorrentes; se eu capiscasse quatro palavras, ia apresentar-me. [...] (BARRETO, 2012, p. 8-10)

Notamos que o personagem veio da cidade de Canavieras, uma localidade interiorana, para o Rio de Janeiro, deslocando-se em busca de dinheiro, aplicando seus golpes desde sua chegada ao Rio, transitando de pensão em pensão, sem pagar o aluguel, atitudes bastante comuns no universo da malandragem. O seu interesse em ser professor de javanês se inicia ao ler o anúncio de jornal. Ele julga que essa vaga não teria muitos concorrentes, o salário certamente seria alto e o trabalho fácil.

O malandro tem como uma de suas principais características o emprego da sua astúcia e inteligência para conseguir atingir seus objetivos. Castelo, após demonstrar seu interesse pelo anúncio, trata de estudar a língua Javanesa, descobrindo a origem e criando as pronúncias das palavras encontradas na *Grande Encyclopédie*, conforme ele mesmo deixa evidente no trecho que transcrevemos abaixo:

A Encyclopédie dava-me indicações de trabalhos sobre a tal língua malaia e não tive dúvidas em consultar um deles. Copiei o alfabeto, a sua pronúncia figurada e saí. Andei pelas ruas, perambulando e mastigando letras.

[...] Convenci-me de que aquela era a língua mais fácil do mundo e saí; mas não tão cedo que não me encontrasse com o encarregado dos aluguéis dos cômodos. (BARRETO, 2012, p. 11)

É possível notar a situação difícil na qual se encontra Castelo, uma vez que ele precisa fugir do assédio do dono da pensão que quer receber o aluguel atrasado. Ele está praticamente num “beco sem saída”, quando surge a oportunidade de se fazer passar por professor de uma língua desconhecida e ele vê nesse fato a chance que necessita para sair da situação de penúria em que se encontra. O malandro, ao buscar informações sobre a língua javanesa, desenvolve suas táticas para convencer sua vítima. Aplicando sua boa lábia consigo mesmo, trata de se convencer de que a língua malaia era a mais fácil do mundo. A figura do professor de javanês torna-se para o malandro Castelo um personagem, que ele consegue interpretar com maestria. Os atos do malandro são planejados com antecedência e modificados conforme as situações conflituosas que vão surgindo ao longo de sua jornada até virar cônsul.

O malandro, após ter uma resposta positiva ao bilhete que enviou para o interessado em aprender javanês, enfrentou dificuldades para chegar até a residência do Barão de Jacuecanga: “Não imaginas as grandes dificuldades com que lutei para arranjar os quatrocentos réis da viagem! É mais fácil – podes ficar certo – aprender o javanês... Fui a pé” (BARRETO, 2012, p. 13). Como ele está desesperado

e a sua situação é crítica, ele não hesita em caminhar até o endereço que lhe foi passado. Ao chegar à residência do Barão, observou a aparência do casarão: “Era uma casa enorme que parecia estar deserta; estava maltratada, mas não sei por que me veio pensar que nesse mau tratamento havia mais desleixo e cansaço de viver que mesmo pobreza” (BARRETO, 2012, p. 14). Se ele constatasse que o proprietário não tinha dinheiro, certamente, não hesitaria em abandonar o local e partir para outra aventura que lhe pudesse garantir algum dinheiro e a possibilidade de sanar, ainda que momentaneamente, suas dificuldades financeiras e seu problema de subsistência.

Astutamente, Castelo percebe que o casarão não está bem conservado, indicando que seu proprietário poderia estar numa situação de penúria. No entanto, ele constata rapidamente que se trata de desleixo do dono e que ele pode continuar com seus estratagemas para conseguir uma posição mais favorável do que aquela em que se encontra, uma vez que tem que fugir de seus credores e nem mesmo o seu aluguel ele consegue pagar.

A má impressão da casa durante a chegada se desfaz depressa. Ao prestar mais atenção à arquitetura interna da residência, o malandro percebeu que seu pré-julgamento sobre a condição financeira da sua vítima estava de certa maneira equivocado. A composição interna da casa revela que o Barão de Jacuecanga fazia parte da alta sociedade, apesar da péssima aparência observada do lado de fora. Castelo descreve o interior da casa nos seguintes termos: “Na sala, havia uma galeria de retratos: arrogantes senhores de barbas em colar se perfilavam enquadrados em imensas molduras douradas, e doces perfis de senhoras, [...] a que eu gostei mais de ver foi um belo jarrão de porcelana da China ou Índia, como se diz” (BARRETO, 2012, p. 15). Os retratos dão conta de uma família tradicional e os objetos de porcelana indiciam que o proprietário da mansão não está atravessando problemas financeiros, caso isso estivesse acontecendo, esses objetos não estariam ali, já teriam sido vendidos para suprir o sustento de seu morador.

Dessa forma, fica evidenciado que o malandro Castelo construiu um perfil de sua vítima, o qual foi definido pelo anúncio no jornal e pela estrutura da sua residência, pois somente uma pessoa com certa condição financeira teria a possibilidade de contratar um professor de um idioma pouco convencional e quase que totalmente desconhecido. Na época em que transcorrem as peripécias narradas, o conhecimento estrangeiro era tido como um fator indicador de cultura e, mais do que isso, sendo considerado como um aliado do poder, da inteligência e *status* social, uma vez que somente os mais ricos poderiam pagar por esse luxo. Dessa maneira, em relação ao protagonista fica ressaltado que

sua mais notória característica consiste na habilidade de simular conhecimento, o que, no contexto da narrativa, desvela a crítica expressa ao bacharelismo e à ascensão social baseada no golpismo e usurpação do Estado. Castelo age sem remorsos [...]. (ARBOLEYA, 2017, p. 240).

Durante o período de conversa com o Barão de Jacuecanga, o malandro foi indagado pelo Barão sobre sua origem e o modo como aprendeu javanês: “- E onde aprendeu javanês? - indagou ele, com aquela teimosia peculiar dos velhos” (BARRETO, 2012, p.16). Evidentemente, ele soube se safar dessa situação que poderia ser embaraçosa, inventando uma resposta plausível para o seu futuro empregador:

Não contava com essa pergunta, mas imediatamente arquitetei uma mentira. Conteí- lhe que meu pai era javanês. Tripulante de um navio mercante, viera ter à Bahia, estabelecera-se nas proximidades de Canavieiras como pescador, casara, prosperara e fora com ele que aprendi javanês. (BARRETO, 2012, p. 16)

Nesse sentido, vale reportarmo-nos a Roberto Goto (1988), que afirma que o malandro utiliza o “jeitinho” e a inteligência para se safar de situações conflituosas, que poderiam colocar seus planos em risco e essa é a estratégia que usa Castelo nessa e em outras situações com as quais se depara durante o seu trajeto de tentar ascender socialmente.

Verificamos que Castelo possui boa lábia, inteligência, esperteza ao inventar uma mentira que não dava abertura para futuros questionamento, desse modo, ele utiliza o famoso “jeitinho” para não arruinar sua almejada escalada na alta sociedade. A segurança e a forma pela qual o malandro responde ao questionamento formulado pelo Barão contribuem para veracidade de sua mentira, fazendo com que o seu futuro patrão não tivesse dúvidas sobre a qualificação do professor de javanês. Dessa maneira, o malando emprega seu poder de convencimento para aplicar seu golpe.

O Barão de Jacuecanga tinha certa necessidade de aprender a língua javanesa, pois acreditava que os últimos acontecimentos ruins eram consequências de não ter cumprido uma promessa de família, conforme ele expressa no fragmento que segue:

[...] Ao morrer meu avô, chamou meu pai e lhe disse: “Filho tenho este livro aqui, escrito em javanês. Disse-me quem mo deu que ele evita desgraças e traz felicidades para quem tem. [...]” Meu pai - continuou o velho Barão - não acreditou muito na história; contudo, guardou o livro. [...] Cheguei até esquecer-me dele, mas, de uns tempos a esta parte, tenho passado por tanto desgosto, tantas desgraças têm caído sobre a minha velhice que me lembrei do talismã da família. Tenho que o ler, que o compreender, e não quero que os meus últimos dias anunciem o desastre da minha posteridade; e, para entendê-lo, é claro que preciso entender o javanês. Eis aí. (BARRETO, 2012, p. 18-19)

João Rocha (2006) afirma que o malandro consegue tirar vantagens de tudo, utilizando como estratégias os pontos fracos de suas vítimas. Por conseguinte, Castelo aproveita a vulnerabilidade, o desejo e a necessidade do Barão para concretizar seu plano. De acordo com Giovanna Dealtry (2009), o discurso é um elemento de extrema importância no universo da malandragem, pois a arma principal do malandro é a fala, e por meio dela, ele consegue convencer, enganar e ludibriar aqueles que cruzam o seu caminho. No conto, Castelo faz uso de um discurso marcado pela segurança, pela assertividade ao abordar sua vítima, empregando suas táticas de convencimento, vestimenta e vocabulário, induzindo o nobre senhor a acreditar e confiar no personagem criado por Castelo, e o Barão acaba tendo plena convicção sobre a formação e as “qualidades” do “professor de javanês”.

Roberto Goto (1988) enfatiza que as trapaças e mentiras são qualidades do malandro, pois de certa maneira elas servem a um propósito pessoal e individualista na tentativa de levar vantagem sobre outras personagens e também no intento de ascender socialmente. No caso do malandro Castelo, seu ato de malandragem acabou ajudando o Barão a cumprir o juramento feito anos atrás; mas também denuncia a valorização e o conhecimento como fatores oriundos da cultura estrangeira, em detrimento da cultura do nosso país. Desse modo, o conto também aponta para a desvalorização do que é nacional e coloca em evidência problemas que sempre estiveram presentes na realidade brasileira e que mantém conexões com a situação de um país colonizado por um outro europeu, fato que sem dúvida ainda é corrente na formação do nosso povo e na eterna mania de valorizar somente o que vem de fora, o que vem da Europa e que se transforma em moda e modelo a ser seguido.

O malandro por ser astuto, conseguiu aprender o alfabeto javanês em poucos dias, porém ao ensinar do Barão de Jacuecanga, percebeu a dificuldade que seria transmitir os conhecimentos básicos de uma língua estrangeira para ele, devido não só aos elementos gramaticais, mas também pelo fato de ele ser uma pessoa de certa idade, o que acaba tornando-se um obstáculo para o aprendizado e exigindo o emprego de maiores e mais intensos esforços por parte do professor:

Dentro em pouco, dava a minha primeira lição, mas o velho não foi tão diligente quanto eu. Não conseguia aprender a distinguir e a escrever nem sequer quatro letras. Enfim, com metade do alfabeto levamos um mês e o Senhor Barão de Jacuecanga não ficou lá muito senhor da matéria: aprendia e desaprendia. (BARRETO, 2012, p. 20-22)

Michel Misse (1999) afirma que existem duas classes de malandros, o primeiro seria aquele malandro criado no morro e o segundo refere-se ao malandro criado na cidade. O malandro castelo se enquadra na segunda categoria, pois suas táticas são desenvolvidas para centros urbanos, sua postura e vocabulário são criados e desenvolvidos para convencer pessoas da alta sociedade. Desse modo, Castelo desenvolve suas técnicas para convencer e aliciar o Barão, um

eminente membro da alta sociedade carioca, que o contratou para que pudesse aprender javanês, mas mesmo não logrando atingir seu objetivo, Castelo torna-se amigo do seu aluno e vai tirar partido dessa amizade para conseguir atingir suas metas e não ser obrigado a compor as massas de trabalhadores que têm que se esforçar muito e ganhar pouco como escravos do sistema capitalista, que os explora e depois os descarta como matéria improdutiva.

A pesquisadora e crítica Walnice Nogueira Galvão (1976) enfatiza que o malandro transferiu-se das ruas para ficção, trazendo as seguintes características: preguiça, simpatia, vagabundagem, inteligência, indisciplina, simpatia, dentre outras. Conforme já comentamos, embora a aprendizagem da língua javanesa não se concretize, Castelo permanece próximo a seu benfeitor e continua a usufruir das regalias que este lhe proporciona:

Ao fim de dois meses, desistira da aprendizagem e pedira-me que lhe traduzisse, um dia sim, outro não, um trecho do livro encantado. Bastava entendê-lo, disse-me ele; nada se opunha que outrem o traduzisse e ele ouvisse. Assim evitava a fadiga do estudo e cumpria o encargo. (BARRETO, 2012, p. 22-23)

Verificamos, dessa maneira, que Castelo a todo o momento aplica suas táticas de convencimento, inteligência e simpatia para confirmar toda a encenação e o embuste que são suas aulas de javanês. O malandro, por ser preguiçoso e pouco afeito aos esforços laborais, almeja trabalhos fáceis, e isso acontece porque Castelo não insiste para que o Barão continue seus estudos sobre a língua javanesa, passando a assumir uma outra função, a de tradutor do manuscrito deixado pelo avô e pelo pai daquele que agora, mais do um patrão, vai se tornando um amigo inestimável. Castelo percebeu que seu ofício seria calmo, pois o Barão apresentava certa idade, e este serviço se adequava ao seu perfil, pois exigia pouca atividade, ele tinha uma vida boa, estava no cume da esfera social e, além de tudo, ganhava bom salário.

A esperteza e a malandragem de Castelo ficam evidentes no seguinte trecho: “Sabes bem que até hoje nada sei de javanês, mas compus umas histórias bem tolas e impingi-as ao velhote como sendo do crônicon. Como ele ouvia aquelas bobagens!...” (BARRETO, 2012, p. 23). Verificamos que o malandro Castelo confessa seu golpe e suas mentiras, confirmando o uso de suas técnicas como a inteligência, a astúcia, a boa lábia, o poder de convencimento e a boa aparência para alcançar seus propósitos, com o mínimo esforço e com a possibilidade de ser bem sucedido e ocupar uma posição sólida no estreito círculo de seres aristocráticos do qual o Barão faz parte.

Roberto DaMatta (1997) declara que o malandro emprega suas forças para sobreviver num mundo onde predominam os mais fortes e espertos. Dessa forma, o malandro Castelo aceita todas as oportunidades oferecidas por sua mentira, com o foco na sua principal ambição que é a ascensão social. As boas relações com o Barão permitem que Castelo tenha sucesso em suas pretensões, como se pode verificar no fragmento seguinte:

[...] o senhor não deve ir para a diplomacia; seu físico não se presta... O bom seria o consulado na Ásia ou Oceania. Por ora, não há vaga, mas vou fazer uma reforma e o senhor entrará. De hoje em diante, porém, fica adido ao meu ministério e quero que, para o ano, parta para Bâle, onde vai representar o Brasil no Congresso de Linguística. Estude, leia o Hovelacque, o Max Müller e outros!

Imagina tu que até aí nada sabia de javanês, mas estava empregado e iria representar o Brasil em um congresso de sábios. (BARRETO, 2012, p. 25)

Notamos que o seu golpe o levou para a diplomacia, e Castelo acabou sendo nomeado como Cônsul em Havana. Seu ato de malandragem não havia sido planejado para atingir as esferas de poder, mas sim elevar seu nível social. A sua atuação leva-o a conseguir não só solucionar o seu problema de falta de dinheiro, como também a obter um alto posto, talvez um dos mais cobiçados por aqueles que têm aspirações a se destacarem e a serem reconhecidos e admirados na vida em sociedade.

O malandro, após entrar secretaria dos estrangeiros, teve sua fama difundida nas mais altas rodas culturais e ciclos sociais, o ministro aconselhou-lhe que estudasse para poder entrar no congresso. Castelo animou-se, mas para atingir essa nova meta, ele teria que se esforçar muito, estudar e isso não estava em seus planos, uma vez que ele já se considerava um afortunado, com tudo o que havia conquistado até aquele momento:

Bem – jantado, bem – vestido, bem – dormido, não tinha energia necessária para fazer entrar na cachola aquelas coisas esquisitas. Comprei livros, assinei revistas: *Revue Anthopolique et Linguistique*, *Proceedings of the English-Oceanic Association*, *Archivo Glottologico Italiano*, o diabo, mas nada! E minha fama crescia. [...] A convite da redação, escrevi, no *Jornal do Comércio*, um artigo de quatro colunas sobre a literatura javanesa antiga e moderna... [...]

– Muito simplesmente: primeiramente, descrevia a ilha de Java, com o auxílio de dicionário e umas poucas de geografia, e depois citei a mais não poder. (BARRETO, 2012, p. 25-26)

Constatamos que o malandro Castelo usa a todo o momento sua esperteza, preguiça e boa lábia, pois afirma que não tinha o menor interesse em aprender a língua javanesa. Contudo, aproveita as oportunidades, criando e inventando artigos e notas superficiais sobre a língua javanesa, demonstrando sua real intenção que é a de se dar bem, ter dinheiro e uma posição destacada dentro da sociedade, objetivos que são apontados e discutidos pelos críticos Roberto DaMatta (1997), Walnice Nogueira Galvão (1976), Roberto Goto (1988) e que são traços comuns encontrados em vários personagens malandros da ficção brasileira.

Por fim, o malandro Castelo conseguiu a sua ascensão social, aproveitando-se todas as possibilidades que surgiram, aprimorando cada vez mais suas mentiras e atos de malandragem. Suas ações tiveram como resultado a glória, reconhecimento da nação e a riqueza, conforme se observa na seguinte passagem do conto:

Não perdi meu tempo nem dinheiro. Passei a ser uma glória nacional e, ao saltar no cais Pharoux, recebi uma ovação de todas as classes sociais e o presidente da República, dias depois convidava-me para almoçar em sua companhia.

Dentro de seis meses fui despachado cônsul em Havana, onde estive seis anos e para onde voltarei, a fim de aperfeiçoar os meus estudos das línguas da Malaia, Melanésia e Polinésia. (BARRETO, 2012, p. 28)

Nessa passagem, é possível perceber que há uma crítica à sociedade, pois ela, por um lado, apesar de recriminar todos os atos da malandragem, por outro, enaltece o “jeitinho”, a esperteza, a astúcia para se atingir determinados objetos. O malandro, na maioria das vezes de origem pobre, para obter uma situação mais confortável, dinheiro e não trabalhar, utiliza artimanhas, estratégias, que lhe possam possibilitar alguma ascensão social ou mesmo vantagens momentâneas, que permitem garantir-lhe a sobrevivência.

O estudioso Valdinei José Arboleya (2017, p. 245) sintetiza brilhantemente a situação final do personagem protagonista do conto de Lima Barreto, que analisamos:

[...] Castelo é a imagem da malandragem empregada com o objetivo de lesar o Estado e, em decorrência, o povo, ou seja, é o sujeito que, [...] inventou-se social e politicamente e conseguiu se dar bem na vida. Ascender socialmente e se colocar numa situação econômica segura é o argumento que se descortina por trás do cargo público almejado pela personagem, que emprega a malandragem como uma estratégia para se ajeitar na vida, [...].

O conto, por meio da trajetória de Castelo, deixa patente que o mundo é uma eterna batalha e só a vence aquele que souber empregar adequadamente a sua esperteza e a sua capacidade de se adaptar às circunstâncias e tirar proveito de todas as situações que possam garantir o acesso a uma posição confortável dentro da sociedade, sem prender-se ao universo do trabalho massificado e nem à realidade da grande maioria de seres que não conseguem ser apadrinhados por uma personalidade importante ou ter a sorte de poder realizar um golpe que lhes termine por abrir as portas da sociedade, como ocorreu com Castelo, que vislumbrou a chance de mudar a sua vida ao encarar o desafio de ser professor de uma língua que ele não conhecia, mas que lhe permitiu estabelecer laços de

amizade que o catapultaram para o sucesso, com um cargo invejado e com o reconhecimento e fama de uma aristocracia que ainda se rende aos encantos e enganos das modas e modelos europeus.

Considerações finais

Concluimos que o malandro é um indivíduo que transita entre a ordem e desordem dentro da sociedade, na qual não segue padrões estipulados, possui como características: a inteligência, astúcia, preguiça, boa lábia, carisma, boa vestimenta, é aventureiro, avesso ao trabalho, tem, em muitas narrativas, uma sensualidade exacerbada. É um anti-herói que narra suas aventuras, as quais refletem e denunciam os problemas sociais existentes na comunidade da qual faz parte.

O malandro, por não ser adepto ao trabalho formal, aplica golpes para sobreviver e modificar seu *status* social, e seus principais objetivos são a ascensão social e a obtenção de dinheiro. Marcado geralmente por um destino humilde, ele encontra na malandragem a chance de melhorar de vida. Seus golpes são aplicados em diferentes grupos sociais, não importando os meios que utiliza para conquistar suas metas. A inteligência, astúcia, boa lábia e vestimenta são empregadas ao desenvolver suas táticas para convencer suas vítimas e utiliza o famoso “jeitinho” e sua capacidade de improvisar, para se safar de situações conflituosas.

O anti-herói brasileiro, apesar de apresentar condutas consideradas como inapropriadas, contribui para o desenvolvimento da sociedade, pois denuncia problemas como preconceito, falta de emprego, caráter, valorização da cultura estrangeira, o ato da malandragem como alternativa para melhoria de vida, corrupção e enriquecimento ilícito, poder e valorização da posição social. Esses aspectos acabam por legitimar as atitudes do malandro na sua luta pela sobrevivência.

Nesse sentido, no conto “O homem que sabia javanês”, conforme acertadamente observa João Figueiredo Alves da Cunha (2016, 139), o personagem central

[...] Castelo – o bacharel que não trabalha, o místico charlatão, o vadio que perambula de casa de pensão em casa de pensão, o golpista astuto, o falso professor de javanês, o contador de histórias, o ébrio – “vence” na vida, utilizando o sistema contra o próprio sistema e em favor próprio. Assim, ele engana o barão, o visconde, o ministro, os sábios e até o presidente, todos membros da elite econômica, política ou intelectual, fazendo desse conto uma espécie de vingança do autor contra aqueles que o marginalizavam, ao mesmo tempo que sutilmente faz a crítica ao próprio malandro, que, tal como os homens do poder, não tem escrúpulos para conseguir e manter privilégios.

Percebe-se, portanto, que o protagonista do conto é um rematado malandro, uma vez que Castelo demonstra sua astúcia e inteligência ao fingir ser o que não é, mentir sobre sua origem e o modo como aprendeu javanês, ao enganar o Barão e o ministro da secretaria dos estrangeiros. Boa lábia, vestimenta, sensualidade e carisma podem ser percebidos pelo modo como o malandro convence o Barão de Jacuecanga e o ministro, e conseqüentemente, acaba por iludir toda a sociedade intelectual brasileira e estrangeira. O “jeitinho” fica explícito ao inventar mentiras sobre o modo como aprendeu javanês, demonstrando sua capacidade de improviso e habilidade para safar-se de situações embaraçosas. A preguiça também se manifesta em suas atitudes ao longo da narrativa, pelo fato de Castelo buscar um trabalho intelectual e depois cargos públicos e não algo braçal e que demandaria despende mais esforços e energia. Assim,

[sua] malandragem [...] é percebida como algo circunscrito à relação política na qual o sujeito patrimonial busca, enquanto malandro, a boa vida atrelada ao funcionalismo público, [...]. O funcionário patrimonial do conto busca pela estabilidade provida pelos cargos públicos como espaço de privilégio, de pouco trabalho e de boa vida. O papel social possibilitado por tal cargo, ainda mais nobre quando associado a um título – bacharel – permite honras e facilita aquisição de bens materiais que é, em essência, a busca de Castelo, oportunista contumaz que percebe no cargo público uma estratégia de não se subjugar ao trabalho braçal. (ARBOLEYA, 2017, p. 240).

Dessa maneira, o personagem central de “O homem que sabia javanês” configura-se como um malandro experiente, que sabe aproveitar todas as oportunidades que encontra no seu caminho e, ao contrário de várias figurações ficcionais malandras que fracassam e terminam seus relatos em uma situação bastante desfavorável, ele é bem sucedido, alcança prestígio, dinheiro e uma posição de destaque dentro da sociedade.

Em síntese, foi possível observar que o personagem Castelo é um legítimo malandro, e sua atuação malandra fica evidenciada desde o início do seu relato, cujo enredo “se constrói como uma sobreposição de narrativas enganosas” (CUNHA, 2016, p. 138). Pela leitura do conto, fica cabalmente comprovado que os atos de malandragem de Castelo levaram-no a alcançar seus objetivos. Assim, esse malandro deve figurar ao lado de Leonardo Pataca, Macunaíma e tantas outras representações de personagens malandros que povoam a literatura brasileira.

Referências

ARBOLEYA, Valdinei José. O homem cordial e a formação do povo brasileiro: um estudo das obras *Memórias de um sargento de milícias*, *O homem que sabia javanês* e *Macunaíma*. *Revista de Literatura, História e Memória*, Unioeste, Campus de Cascavel, v. 13, n. 21, 2017, p. 233-248.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 9. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2003.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário Íntimo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. *Lima Barreto: obras reunidas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018a, v. 1.

_____. *Lima Barreto: obras reunidas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018b, v. 2.

_____. O homem que sabia javanês. In: _____. *O homem que sabia javanês e outros contos*. 1. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2012.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 40. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das ‘Memórias de um sargento de milícias’). *Revista do instituto de estudos Brasileiros*, n. 8. Universidade de São Paulo, 1970, p. 67-89.

CRISTINO, Leandro Nascimento. A malandragem como emblema nacional. *Solettras*, ano IX, n. 17 – Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009, p. 39-51.

CUNHA, João Figueiredo Alves Da. *Entre melindres e espertezas: personagens malandras, nos contos de Lima Barreto e José da Silva Coelho*. Tese (Doutorado em Letras), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP, São Paulo, 2016.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. *No fio da navalha: malandragem na literatura e no samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

FREIRE, Zélia. R. N. S. *Lima Barreto: Imagem e Linguagem*. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. No tempo do rei. In: GALVÃO, Walnice Nogueira. *Saco de gatos: ensaios críticos*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, p.27-33.

GOTO, Roberto. *Malandragem Revisada*. Campinas-SP: Pontes, 1988.

MISSE, Michel. *Malandros, Marginais e Vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro – IUPERJ. Rio de Janeiro, 1999.

ROCHA, João César de Castro. A guerra de relatos no Brasil contemporâneo. Ou: a “dialética da marginalidade”. *Letras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, n. 32, jun. 2006, p. 23-70.

ROCHA, Gilmar. “Navalha não corta seda”: Estética e Performance no Vestuário do Malandro. *Tempo*, v. 10, n. 20, jan. 2005, p. 121-142.

_____. “Eis o malandro na praça outra vez”: a fundação da discursividade malandra no Brasil dos anos 70. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 108-121, 2º sem. 2006.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Para citar este artigo

ADORNO, Victória Nantes; BOTOSO, Altamir. O personagem malandro no conto “O homem que sabia javanês”, de Lima Barreto. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 161-186, set.-dez. 2019.

Os autores

Victória Nantes Marinho Adorno é graduanda em Letras – Português/Espanhol na Universidade Estadual de Mato Grosso Do Sul.

Altamir Botoso é mestre e doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP, e docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS.